TREINOS DE VIDA

Bairro desfavorecido de Cascais recebe projeto inovador de integração social onde aprender a surfar é muito mais do que aprender a deslizar nas ondas.

Por Susana Santos
Fotos Hélio Valentim

A experiência de **Paulo Canas** enquanto gestor foi determinante para a concretização do projeto.

O psicólogo **Nuno Fazenda** trabalha com famílias socialmente vulneráveis há mais de cinco anos.

Ainda em fase protótipo, o projeto SURF.ART tem como objetivo promover a integração social de crianças e jovens do **Bairro da Cruz Vermelha**, em Cascais.

Nuno Fazenda e Paulo Canas eram perfeitos desconhecidos até se terem cruzado na Pressley Ridge, uma ONG de solidariedade social de origem norte-americana que atua em Portugal desde 1988, destinada a promover a integração e bem-estar de crianças e jovens com problemas de ajustamento e desenvolvimento, em estreita correlação com as suas famílias e comunidades. Surfistas apaixonados, logo se tornaram amigos e companheiros de surfada mas só mais tarde, durante um brainstorming promovido pela associação, onde foram desafiados a propor novos projetos de reabilitação social, perceberam que o interesse mútuo pelas ondas não se reduzia às surfadas partilhadas nos intervalos para almoço dos respetivos empregos: ambos apresentaram propostas que incluíam o surf como importante ferramenta de inclusão social e desenvolvimento de competências pessoais junto de crianças e jovens em situações de vulnerabilidade social.

Partindo deste desejo comum, a dupla não perdeu tempo a erguer o projeto, aliando o extenso currículo de Paulo, de 33 anos, surfista há cinco, licenciado em Organização e Gestão de Empresas e pós-graduado em Saúde, Nutrição e Exercício Físico, com um percurso profissional de 10 anos enquanto gestor em empresas privadas no setor dos serviços e turismo; à vasta experiência de Nuno, 30 anos, bicampeão regional (Alentejo) de longboard, licenciado em Psicologia do Desporto e das Atividades Físicas e voluntário na Pressley Ridge desde 2007 como reeducador psicossocial, atuando na área da intervenção comunitária e de preservação familiar com crianças, jovens e famílias em contextos sociais desfavorecidos e/ou problemáticos.

Em setembro de 2011, quando o projeto SURF.ART ainda não passava de uma ideia na cabeça dos seus mentores, estes realizaram uma candidatura ao II Bootcamp do Instituto de Empreendedorismo Social (IES), onde tiveram a oportunidade de materializar um protótipo do projeto, propondo o ensino sistematizado do surf a crianças de bairros carenciados como forma de lhes proporcionar uma vida saudável e a sua integração na sociedade. "Levámos uma ideia mais ou menos estruturada e, durante um fim-de-semana, desenhámos o plano de implementação, definindo o modelo de negócio e identificando potenciais investidores. Eu, enquanto gestor, já tinha este conhecimento e o Nuno, enquanto psicólogo, tem experiência na área da intervenção com crianças e jovens em contextos difíceis. Aliámos uma coisa à outra, montámos o projeto e fomos um dos três finalistas entre 16 candidatos. A partir daí, começámos a bater às portas das empresas e fundações", conta Paulo Canas.

Seguiu-se, em maio de 2012, a 6ª edição do Concurso de Ideias de Negócio do Concelho de Cascais, iniciativa destinada a promover novas ideias de negócio e facilitar o acesso dos seus mentores a fontes de financiamento, onde o SURF.ART foi novamente finalista na categoria de Empreendedorismo Social. Pouco depois, com o apoio da Câmara Municipal de Cascais e da Pressley Ridge, o projeto viu finalmente a luz do dia, encontrando-se no terreno desde janeiro deste ano: todos os meses, duas vezes por semana, catorze crianças do bairro cascalense da Cruz Vermelha, entre os 8 e os 12 anos, têm frequentado aulas de surf na praia de Carcavelos sob a orientação de instrutores credenciados, com a chancela da Surf Academia, escola de surf local dirigida por Pedro "Pecas" Monteiro. O objetivo, sublinham os criadores do projeto, passa por trabalhar competências como a autonomia, liberdade de expressão, controlo de emoções e tolerância à frustração, usando o mar como simulacro da própria vida em sociedade e recorrendo ao ensino do surf como forma de promover a capacidade de resiliência e de adaptabilidade aos diversos contextos sociais em que habitualmente nos vemos inseridos.

"A delinquência e as fracas perspetivas de futuro fazem com que crianças e jovens em contextos desfavorecidos corram o risco de desenvolver dificuldades emocionais e de comportamento e, consequentemente, dificuldades de integração na sociedade", diz Nuno Fazenda. "A nossa intervenção tem procurado desenvolver um conjunto de fatores que lhes deem coragem para arriscar, mesmo quando encarando uma situação de grande adversidade. O surf abre-lhes uma porta para um novo mundo, onde têm a oportunidade de conhecer pessoas com vivências muito diferentes das que estão habituados e, acima de tudo, de se sentirem pertencentes a um grupo positivo. No mar somos todos iguais. Por outro lado, sendo um desporto de aventura, de risco e de difícil execução, não só tende a desviá-los de comportamentos de risco, como por exemplo a criminalidade, como proporciona excelentes momentos de aprendizagem. Ao experienciarem o sucesso e o fracasso, eles percebem que para ter uma vivência bem-sucedida – por exemplo, apanhar uma onda, fazer o take-off e vir até à areia – têm de planear, pôr o plano em ação e, no fim, refletir para perceber o que correu bem e o que têm de melhorar. O surf ajuda-os a terem mais confiança em si próprios, a adquirirem novas competências e, acima de tudo, a superarem as adversidades da vida transferindo as aprendizagens vivenciadas no mar para o seu dia-a-dia", conclui o psicólogo.

Ainda em fase protótipo, que se estenderá até junho, o objetivo declarado é que o SURF.ART venha a ser replicado um pouco por toda a costa portuguesa, com base nos resultados e documentação compilados ao longo do período experimental. Ainda longe de poder apresentar conclusões concretas, a dupla mantem-se otimista em relação à sua viabilidade, revelando-se satisfeita com o feedback dos jovens e respetivas comunidades. "As professoras têm relatado melhorias significativas ao nível da atenção/concentração nas aulas, da comunicação, do relacionamento interpessoal e da própria forma de agir de algumas crianças. Em relação aos pais, alguns referem mudanças de atitude e comportamento nas atividades em casa, revelando maior disposição para as fazer, mais respeito e uma forma de comunicar mais positiva", analisa Nuno Fazenda. "Mesmo pais e mães que estão fora do país a trabalhar deixam-nos frequentemente testemunhos de agradecimento na nossa página do Facebook", acrescenta Paulo Canas. "Sempre que publicamos vídeos das atividades recebemos inúmeros comentários de incentivo aos miúdos. Há uma dinâmica muito bem construída que, involuntariamente, foram os pais e as crianças que criaram. Tudo isto nos faz acreditar que estamos no caminho certo e que estamos realmente a fazer a diferença na vida de todos os envolvidos".